

Fotografia e representação na constituição da memória¹

Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva

Pós-Doutorado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) - RJ - Brasil. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

Professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) - Salvador, BA - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/6376683794840711>

E-mail: rubensri@ufba.br

Publicado em: 12/10/2018.

RESUMO

Traça breve percurso do autor, mencionando as oportunidades em que produziu (no mestrado) e utilizou em experimento (no doutorado) fotografias do cotidiano de mulheres idosas, cujas imagens, de 1992, compartilha nesta publicação especial relativa à I Bienal Nacional de Imagem na Arte, Ciência, Tecnologia, Educação e Cultura, realizada em 2013. Na sequência, desenvolve temática que relaciona a fotografia à sua capacidade de formação de memória. Reporta-se ao conceito de documento, procurando sua interface com a fotografia, e com seu entendimento acerca do termo representação. Comenta sobre a midiaticização da guerra e as novas maneiras de se produzir e compartilhar a fotografia de guerra, que resulta numa espécie de crise da representação. Conclui clamando pela liberdade de Julien Assange, do WikiLeaks.

Palavras-chave: Fotografia do cotidiano. Fotografia de guerra. Memória. Representação. I Bienal Nacional de Imagem na Arte, Ciência, Tecnologia, Educação e Cultura.

Photography and representation in the constitution of memory²

ABSTRACT

Traces a brief Author's journey, mentioning the opportunities in which were produced (in his Master Degree) and used, as an experiment (in his PhD), photographs of the quotidian life of elderly women, whose images, from 1992, are shared in this special publication on the I National Biennial of Image in Art, Science, Technology, Education and Culture, held in 2013. In the sequence, are established some correlations between photography and its ability to create memory. Refers to the concept of document, looking for its interface with photography, and with the understanding of the term representation. Comments on the 'mediatization' of war and the new ways to produce and share war photography, which results in a kind of crisis of representation. Concludes calling for freedom to Julien Assange, from WikiLeaks.

Keywords: *Quotidian photography. War photography. Memory. Representation. I National Biennial of Image in Art, Science, Technology, Education and Culture.*

¹Trata-se de texto produzido para palestra ministrada na I Bienal Nacional de Imagem na Arte, Ciência, Tecnologia, Educação e Cultura, realizada no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de 6 a 8 de junho de 2013, pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). A pedido dos organizadores, o texto foi minimamente adaptado para publicação, já que originalmente foi produzido em formato de palestra.

²This is paper is produced from a lecture given at the First National Biennial of Image in Art, Science, Technology, Education and Culture, held at the Forum of Science and Culture of the Federal University of Rio de Janeiro, from June 6 to 8, 2013, by the Brazilian Institute of Information in Science and Technology (Ibict). At the request of the organizers, the text was minimally adapted for publication, since it was originally produced in a lecture format.

Fotografía y representación en la constitución de la memoria³

RESUMEN

Traça breve percurso do autor, mencionando as oportunidades em que produziu (no mestrado) e utilizou em experimento (no doutorado) fotografias do cotidiano de mulheres idosas, cujas imagens, de 1992, compartilha nesta publicação especial relativa à I Bienal Nacional de Imagem na Arte, Ciência, Tecnologia, Educação e Cultura, realizada em 2013. Na sequência, desenvolve temática que relaciona a fotografia à sua capacidade de formação de memória. Reporta-se ao conceito de documento, procurando sua interface com a fotografia, e com seu entendimento acerca do termo representação. Comenta sobre a midiaticização da guerra e as novas maneiras de se produzir e compartilhar a fotografia de guerra, que resulta numa espécie de crise da representação. Conclui conclamando pela liberdade de Julien Assange, do WikiLeaks.

Palabras clave: *Fotografía de la vida cotidiana. Fotografía de guerra. La memoria. Representación. I Bienal Nacional de Imagen en el Arte, Ciencia, Tecnología, Educación y Cultura.*

INTRODUÇÃO

Permitam-me registrar minha emoção de estar aqui, nesta primeira Bienal Nacional de Imagem na Arte, Ciência, Tecnologia, Educação e Cultura, num retorno à UFRJ, minha origem como estudante de pós-graduação, inicialmente como mestrando, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes, e depois como doutorando na Escola de Comunicação, parceira do Ibict, origem do primeiro Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Brasil. Foi no Ibict que encontrei amparo, após um longo período de um ano a procurar e a avaliar a instituição que eu sentisse ser a melhor para fazer meu doutoramento, onde a temática a que eu desejava dedicar-me como pesquisador melhor se assentasse. Fui fotógrafo por 20 anos, até o momento em que a profissão começava a se alterar brutalmente, como resultado do surgimento da fotografia digital, e o mercado tornava-se mais difícil, não exatamente devido ao surgimento daquela nova tecnologia, mas, ao contrário, devido ao fato concreto que eu percebia acontecer, em que todos se tornavam ‘fotógrafos’, de alguma maneira, com a facilidade que a nova forma de produzir fotografias oferecia a todos nós, a profissão começou a decair, fotógrafos do cotidiano entraram em declínio, viver da

fotografia passou a ser mais difícil naquele final dos anos 1980, começo dos anos 1990... Em 1994 eu me tornara mestre em Artes Visuais, na linha de pesquisa da Antropologia da Arte, com a dissertação “Fotografia do Cotidiano: Uma Estética Etnográfica” (SILVA, 1994) que, além dos resultados comuns a um mestrado, resultou também numa exposição fotográfica sobre o cotidiano de mulheres idosas de camadas sociais populares, ex-empregadas domésticas, que passaram a viver seus últimos dias em um abrigo público destinado a idosos, cujas imagens me permito compartilhar com vocês nesta versão impressa de minha palestra nesta Bienal.⁴

⁴ Estas imagens não foram exibidas durante a palestra, pelas limitações de tempo de que dispúnhamos para o bom andamento do evento. No entanto, nesta versão impressa nos foi solicitado o compartilhamento de imagens, e assim optamos por exibir, aqui, algumas das imagens resultantes daquele trabalho de pesquisa realizado no Abrigo Cristo Redentor de São Gonçalo, município do Estado do Rio de Janeiro, entre 1990 e 1994, e daquela exposição sobre o cotidiano de mulheres idosas, intimamente associada ao tema que abordamos em nossa palestra. Não comentarei as imagens, apenas as exibirei aqui, já que nossa intenção é pensar em sentido amplo a questão da fotografia e da memória, e não os aspectos específicos resultantes daquela dissertação. A dissertação e as imagens produzidas para a exposição fazem parte do acervo iconográfico da Biblioteca Nacional, disponível na Sala Aloísio Magalhães. A notação do documento indica, por exemplo: 03.20.05.92.28 = 03 é o número do rolo de filme utilizado; 20 maio 1992 é a data em que foi realizada a fotografia; 28 é o número do negativo no rolo de filme.

³ Se trata de texto producido para conferência dada en la I Bienal Nacional de Imagen en el Arte, Ciencia, Tecnología, Educación y Cultura, realizada en el Foro de Ciencia y Cultura de la Universidad Federal de Río de Janeiro, en el período del 6 al 8 de junio de 2013, por el Instituto Brasileño de Información en Ciencia y Tecnología (Ibict). A petición de los organizadores, el texto fue minimamente adaptado para publicación, ya que originalmente fue producido en formato de conferencia.

Figura 1 – Armário de cabeceira de Iracema da Silva (Doc. 03.20.05.92.28)



Figura 2 – Iracema da Silva lava pratos no Abrigo (Doc. 06.22.05.92.35)



Figura 3 – Janaína Rangel Pestana varre o dormitório (Doc. 15.03.06.92.10A)



Figura 4 – Maria da Glória de Aguiar cria cabeças de papel e cola para montar mamulengos que serão apresentados em teatro de bonecos (Doc. 01.16.05.92.32)



Figura 5 – Nair Ferreira fuma um cigarro lentamente soltando a fumaça. (Doc. 18.20.06.92.02)



Figura 6 – Cimar Maurício dos Santos narra sua história pessoal a partir de fotografias que protege delicadamente em uma caixa de papelão (Doc. 05.22.05.92.18)



Figura 7 – Cimar Maurício dos Santos mostra fotografia do ex-marido. (Doc. 11.29.05.92.38A)



As fotos que vimos foram produzidas em diferentes momentos do ano de 1992, mas somente agora, pela primeira vez, estão sendo publicadas em periódico: uma homenagem póstuma àquelas mulheres, realizada nesta publicação especial relativa à I Bienal Nacional de Imagem na Arte, Ciência, Tecnologia, Educação e Cultura. Parece-me que aquela etnografia da mulher idosa, por meio da fotografia do cotidiano, um trabalho científico de titulação acadêmica, nos traz elementos de reflexão que poderiam cobrir toda a ampla abrangência epistêmica que dá nome a esta Bienal Nacional de Imagem, estimulando-nos a desenvolver não mais exatamente a interdisciplinaridade (que após tantos anos, continua disciplinar), mas uma nova forma de pensar, de conceber e de construir o conhecimento, que eu chamaria de transepisteme. Esta bienal é transepistêmica.

Concluída a pesquisa de mestrado, aproximadamente quatro anos se passaram até o início do doutorado. Por volta de meados do ano de 1997, conheci a professora Lena Vania Ribeiro Pinheiro, e com a liberdade que me foi proporcionada durante as seções de orientação de doutorado, passei a incorporar uma espécie de nova educação, de nível muito elevado e sensível, uma educação pela sensibilidade, pela liberdade, em que retomei leituras há tanto esquecidas, como Schiller, por exemplo, sugerido pela orientação logo nas primeiras semanas. Agora, passados então já tantos anos da defesa da tese, intitulada “Digitalização de Acervos Fotográficos Públicos e seus Reflexos Institucionais e Sociais: Tecnologia e Consciência no Universo Digital” (SILVA, 2002), em que foi desenvolvido um experimento utilizando aquelas imagens fotográficas produzidas durante a pesquisa de mestrado, agradeço minha orientadora pelo convite para estar aqui com vocês, neste tão bonito evento, neste tão belo salão do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

Quero falar sobre a fotografia, sua capacidade de formação de memória. Começo, então, nos reportando ao conceito de documento, procurando sua interface com a fotografia e com o entendimento acerca do termo representação.

DOCUMENTO, FOTOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO

A história nos ensina Le Goff (1996, p.547) ao referir-se a Foucault

é uma certa maneira de uma sociedade dar estatuto e elaboração a uma massa documental de que [não se] separa [...] a história é o que transforma os documentos em monumentos e o que, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens, onde dantes se tentava reconhecer ... o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto.

Para Foucault, então, o documento é pensado como uma espécie de inconsciente cultural, assumindo papel decisivo e intervindo para orientar um conhecimento.

A fotografia, e por extensão a documentação fotográfica, é mais que documento, é monumento e documento, no sentido que lhes é dado por Le Goff. Monumento porque é um legado à memória coletiva; documento porque pode ser a prova, o fundamento do fato histórico. Mas esses documentos, essencialmente, são o conhecimento que podem nos trazer, permitindo-nos perceber nossa identidade histórica e cultural e, por conseguinte, considerando as áreas que lidam com o patrimônio documental da humanidade, formatar políticas públicas com relação à memória coletiva. A representação da informação em acervos fotográficos e o conhecimento constituído pelo patrimônio documental fotográfico são questões culturais que nos afetam a todos. Extintos esses documentos, está extinta grande parte da memória visual de nossa história e de nossa cultura, está destruído o monumento. Portanto, urge representar cientificamente essas representações visuais do que somos. Urge, no entanto, repensar o conceito de representação da informação e do conhecimento ao desenvolvermos a representação do que já é, em si, uma representação imageticamente produzida.

As imagens, assim como os textos, produzem ideias, embora de maneira mais ‘anárquica’. A imagem, em sua ‘rebeldia’, acaba por escapar ao que seus autores intentam, mesmo quando há um trabalho de associação a textos ou a um processo de sua representação documental, levando a que outras associações e sentidos sejam possíveis no processo de interação que ocorre entre a imagem e seu fruidor (ou seu leitor, ou seu “vistor”, como propôs, hoje pela manhã, Paulo Goulart, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro), e por conseguinte com o profissional que realiza sua representação documental.

Já se vem destacando, inclusive, na literatura da área da ciência da informação (CI), até com muita redundância, como torno a fazer aqui, que “um dos grandes problemas nas análises que se fazem na área da organização da informação é a tendência a ignorar os vários tipos de usuários e as diferentes necessidades que apresentam”. (DIAS, 2006, p.69).

Representação é um vocábulo de origem medieval, que tanto indica imagem quanto ideia, ou ambas as noções simultaneamente. Para os escolásticos, que sugeriram o termo, representação tinha profunda correlação com o conceito de conhecimento, o conhecimento como “semelhança” do objeto. Thomaz de Aquino (1225-1274) vai dizer que “representar algo significa conter a semelhança da coisa” (*apud* ABBAGNANO, 1999, p.853). Com o fim da escolástica, o termo torna-se mais utilizado, algumas vezes indicando o significado das palavras. Guilherme de Ockham (1285-1347), um frade franciscano e filósofo que nasce onze anos depois da morte de Aquino, ficou conhecido como o ‘doutor invencível’. Ockham, que atacou duramente o poder papal, distinguiu três significados para o termo representação: primeiramente, no seu sentido mais geral, a representação seria “aquilo por meio do qual se conhece algo”, daí o conhecimento ser representativo e, portanto, uma representação seria aquilo com o qual se conhece alguma coisa. Em segundo lugar, Ockham pensou a representação como imagem: representar, então, poderia ser entendido como o resultado do ato de “conhecer alguma coisa, após cujo conhecimento conhece-se outra coisa”.

Ou seja, uma imagem pode representar aquilo de que é imagem, por exemplo, ao nos lembrarmos de algo (como, por sinal, comentou Ricardo Crisafulli Rodrigues, do Ibict, no primeiro dia desta bienal, dirigindo-se a Diana Farjala, da Unirio, ao refletir acerca da fotografia ‘de algo’ e da fotografia ‘sobre algo’). Por fim, o frade franciscano abordou o termo representação como o próprio objeto, representar poderia ser entendido como “causar o conhecimento do mesmo modo como o objeto causa o conhecimento”.

Mais tarde, no século XVIII / XIX, Kant (1724-1804) vai estabelecer um significado muito geral, entendendo a representação como o gênero de todos os atos ou manifestações cognitivas. O conhecimento, então, tem natureza representativa quando se entende que ele constitui imagem ou cópia do objeto. E aí temos um problema fundamental: os sistemas de indexação de imagens procuram identificar o objeto por meio apenas de suas características ‘explícitas’, referenciais, ‘visíveis’ [...] e a maioria dos pesquisadores nesse campo está focalizada sobre a indexação automática do conteúdo pelo assunto, localização espacial, época, cor, textura, forma, etc (PATO, 2010, p.148).

Mas há uma comunicação dialógica que, ao privilegiar as sensações, a memória, as alusões, faz com que o simbólico amplie os espaços para o indicial, permitindo que o indivíduo de qualquer grupo social dialogue e preencha os espaços da informação e da comunicação com suas próprias experiências de mundo, elaborando suas “leituras”, suas fruições, de modo mais sensível do que simbólico, por um viés mais pessoal do que massivo, associando sua sensibilidade ao produto que quer representar. Associando a sensibilidade ao produto que queremos representar, podemos estabelecer uma relação dialética e dialógica em nossas práticas sociais, ampliando de forma crescente a percepção do mundo e as diversas e variadas possibilidades de se construir sentidos.

Eis aí um problema complexo para a ciência da informação: “o sentido – [ou a] compreensão – e o contexto de leitura [são] mutáveis, na medida em que qualquer imagem pode ser percebida por diferentes indivíduos de diversas formas quando relacionada a diversos contextos e vivências.” (PATO, 2010, p.158-159). É sobre isso que temos debatido nessa Primeira Bienal Nacional de Imagens...

O universo digital é uma instância sem precedentes para a representação, seja da expressão do pensamento, da observação metódica da natureza e da sociedade, seja no registro do conhecimento nos sistemas documentais de referência. Se é verdade que há uma “primazia psicológica daquilo que é representado”, é preciso, então, uma polirrepresentação, que facilite o alcance dos mais variados fruidores (ou usuários) em potencial. O analista-indexador deve perceber estas instâncias do documento imagético, e também do dispositivo visual, tendo por base o sentido proposto por quem gerou a imagem, pois ainda que caiba a uma unidade de informação estabelecer critérios em sua política de indexação, que sejam viáveis para a realização da análise documentária, isso deve ser feito de modo a permitir, de maneira potencializada, o acesso coletivo às informações imagéticas, inclusive aos cegos, a mim, a cada um de nós, no mundo cibernético em que vivemos, às crianças, ao tomados pela confusão mental...

Heidegger (1889-1976) vai dizer que “conhecer é um modo de ser do ser-no-mundo, isto é, do transcender do sujeito para o mundo. [O conhecer] nunca é apenas um ver ou um contemplar”. A partir de Heidegger “todas as manifestações ou graus do conhecer (observar, perceber, determinar, interpretar, discutir, negar e afirmar) pressupõem a relação do homem com o mundo e só são possíveis com base nessa relação” (ABAGNANO, 1999, p.177-181).

De fato, se dentro de nós o que há é toda uma sociedade pensando, como afirma Levy (*apud* MONTEIRO *et al.*, 2006), isto se dá como resultado das línguas, das instituições, dos sistemas de signos, das técnicas de comunicação, representação e registro que nos circundam e nos dão sentido social, forças informativas que dão vida a nossas atividades cognitivas.

Vejamos as guerras, por exemplo, a partir da Guerra do Vietnã.

OS ‘DONOS’ DA MÍDIA E A FOTOGRAFIA DE GUERRA

Com a midiaticização da guerra, os militares entenderam, a partir da Guerra do Vietnã, “a necessidade estratégica de dominar totalmente as imagens dos conflitos armados, de não oferecer campo de batalha ao livre olhar dos fotógrafos...” (ROUILLE, 2009, p.140). Naquela época, a TV e os satélites já geravam imagens que iriam tirar da fotografia-documento seu lugar maestro. Em 1980 já não são os fotógrafos que estão na linha de frente, mas as emissoras de TV. Em 1982, somente dois fotógrafos são autorizados pelas tropas britânicas a seguir para o campo de batalha das Malvinas; a censura torna-se sistemática. Os fotógrafos passam a ser controlados. Há poucas fotos da terrível guerra de oito anos entre Irã e Iraque e dos massacres na Argélia. Na guerra do Golfo, em 1991, já está tudo dominado: os militares dominam a produção e a difusão mundial das imagens, o canal americano CNN passa a ser o principal operador. A guerra, diferentemente do que acontecera no Vietnã, passa a ser aceitável, não se vê o sangue e os corpos, não há tomadas no nível do chão, não há corpos nem vítimas, a guerra passa a tornar-se abstrata, passa, na verdade, a ser aceita.

Surge uma nova ordem da informação, um regime de não-verdade, ou de representação de uma certa verdade, que fecha o mundo para a imagem, não só no tema da guerra, mas também dos homens públicos. A fotografia deixa, de certa forma, de remeter às coisas, passando a remeter a uma espiral infinita de outras imagens. “Ao mundo das coisas sucede o das imagens, e as próprias imagens tendem a tornar-se mundo” (ROUILLE, 2009, p.145). E o mundo torna-se mascarado por um véu de lantejoulas: algumas agências enriquecem e ampliam para até mais de 50 % suas vendas de imagens de celebridades, reis, princesas, cantores, astros do cinema, apresentadores de TV, campeões esportivos. É na chamada sociedade da informação que “se esvaem os limites entre o *reality show* e a informação”, e “as questões do mundo e da cidade confundem-se com a diversão”, afetando profundamente a “cidadania e a possibilidade de se formar uma opinião” (ROUILLE, 2009, p.154). No fundo, trata-se de “um fenômeno mais geral: a crise da representação... uma crise da verdade [...] O mundo verdadeiro finalmente torna-se fábula [...]” (ROUILLE, 2009, p.158-159).

CONCLUSÃO: LIBERDADE PARA ASSANGE !

Concluo, lembrando-me de Julien Assange, e da necessidade de exigirmos sua libertação desse exílio sem fim a que o condenaram pela divulgação de documentos imagéticos militares que na verdade deveriam ter recebido tratamento de terrorismo a partir da imprensa mundial, das universidades, dos pesquisadores, dos artistas. Liberdade para Julien Assange! Quero tentar crer que, nesse mundo de planificação cada vez mais agressivo das mentalidades, as bibliotecas, os museus, os arquivos, o WikiLeaks são e serão a base informacional efetiva para a reflexão sobre a memória e a liberdade dos povos, e que a representação será a ferramenta fundamental para irmos além de nossa cegueira, para nos acharmos a nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DIAS, E.W. Organização do conhecimento no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais. In: NAVES, M.M.L.; KURAMOTO, H. (Org.). *Organização da informação: princípios e tendências*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.
- LE GOFF, J. Memória. In: _____. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. p. 423-477.
- MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, .E. Representação e memória no ciberespaço. *Ciência da Informação*, Brasília, v.35, n. 3, p. 115-123, set./dez. 2006.
- PATO, P.R.G. Imagens: polissemia *versus* indexação e recuperação da informação. In: MANINI, M.P.; MARQUES, O.G.; MUNIZ, N.C. (Org.). *Imagem, memória e informação*. Brasília: Ícone, 2010. p.147-166.
- ROUILLE, A. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: SENAC, 2009.
- SILVA, R.R.G. *Digitalização de acervos fotográficos públicos e seus reflexos institucionais e sociais: tecnologia e consciência no universo digital*. Tese (Doutorado –Ciência da Informação). Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), UFRJ-ECO/IBICT-DEP, Rio de Janeiro, 2002.
- _____. *Fotografia do cotidiano: uma estética etnográfica*. Dissertação (Mestrado – Ciência da Informação). Orientadores: Rosza Wigdorowicz Vel Zolads; Guilherme Sias Barbosa. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), UFRJ-EBA, Rio de Janeiro, 1994.